

Sabe-se que a arte dita "contemporânea" se caracteriza por uma produção ampla e bastante diversa, não importa qual o critério de análise (aliás, por vezes, parece que nos faltam critérios). Também é bastante claro que a galeria, o estúdio ou o atelier fazem parte de um sistema institucionalizado da produção artística, sistema este que não comporta muitas das questões de um fazer artístico que está diretamente vinculado com um contexto, o cotidiano, questões sócio-ambientais, ou ainda tantas outras indagações que apontam para problemas que transbordam o abstracionismo do cubo branco, da tela ou de outras formas canônicas de arte.

A residência Rural.scapes acompanha esta trajetória do fazer artístico contemporâneo, ao propor ao artista uma oportunidade de "abstinência" das referências urbanas, em uma imersão na fazenda e no campo. Para o imaginário da cidade, o ambiente rural é um tanto abstrato e bucólico (basta lembrar das publicidades nas caixas de leite industrializado). O que Rural.scapes propõe é que observemos o campo para além da convivência direta com a natureza, das práticas e saberes seculares, para que então, e sobretudo, o observemos como um território de problemas humanos, imersos em microcosmos distintos daqueles da vida urbana, e que portanto sugerem outras maneiras de examinarmos as questões sobre as quais se debruça a práxis artística.

Foi com estas ponderações em mente que propusemos *Rádioplanta*. Adeptos como somos dos apontamentos de Vilém Flusser, nos pareceu interessante partir de meio de comunicação como o rádio, bastante presente nas comunidades rurais, e do seu desvio criar um dispositivo que propusesse uma experiência estética do comunicar. Assim, nos perguntamos: se pelo rádio ouvimos a história sendo narrada em músicas e notícias, como seria ouvir a história de quem não tem voz? Como seria se pudéssemos escutar o que tem a dizer as plantas locais, muitas delas vivas há muitas gerações de homens?

Em nossas pesquisas nos deparamos com Cleve Backster, personagem da década de 1960, inventor do polígrafo (conhecido como "detector de mentiras") e autor de teorias sobre a "consciência" das plantas. O 'acientificismo', empírico e estruturado, empregado por Backster nos parece absolutamente pertinente tanto à práxis artística atual quanto a cultura "faça-você-mesmo" do campo, uma justaposição da qual é possível formular uma crítica ao modo como a tecnologia e a técnica orientam a sociedade pós-industrial. Afinal, esta crítica passa, necessariamente, por uma reavaliação das relações entre o homem e o seu meio hábitat, e nesta observação, os ecossistemas campestres e interioranos surgem como referências necessárias.

Assim como Backster, utilizamos de uma mescla de preceitos científicos e acientíficos para construir um sensor galvânico (que é basicamente o aparato proposto por Backster, e que permite a leitura da condutividade elétrica de uma superfície), aplicado em folhas de plantas locais. Este sinal passou pelo tratamento de um circuito amplificador, seguindo então por um oscilador, que enfim produz um sinal passível de transmissão radiofônica. Na fazenda onde se realizou a residência, estávamos livres da interferência das grandes antenas transmissoras, o que nos permitiu testar circuitos transmissores de sinal FM de baixa potência.

Todos estes circuitos foram desenvolvidos sobre suporte de papel e alimentados com bio-baterias (a partir de limões, mandioca, cará, e outros alimentos locais). Além de Cleve Backster, o projeto se baseou em pesquisas de artistas contemporâneos como Augustine Lauder, Leslie Garcia e Guto Nóbrega, que investigam possíveis formas de comunicação das plantas, e que transitam entre a ciência e a poesia.

Seguindo outra das propostas do Rural.scapes, produzimos uma documentação sobre a montagem dos circuitos utilizados na produção do dispositivo Rádioplanta, e realizamos uma série de oficinas junto ao Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de São José do Barreiro, cidade próxima a fazenda Santa Tereza. Nestas oficinas, contribuimos com o conhecimento técnico e a montagem artesanal de transmissores FM, e investigamos de forma metódica a quantidade de energia gerada por alimentos locais para que pudéssemos criar as bio-baterias necessárias para o dispositivo por nós proposto. Foi de suma importância a participação do grupo da terceira idade do CRAS de São José do Barreiro, que trouxe à oficina frutas, legumes e raízes locais para que juntos, em uma espécie de laboratório coletivo, pudéssemos testar a capacidade de geração de energia elétrica de cada alimento. Enquanto conversávamos sobre eletrônica, eles em contrapartida nos ensinaram sobre a potência nutricional de cada alimento, e juntos pudemos cruzar as informações e pensar em possíveis correlações entre energia elétrica e nutrientes. Os dados coletados durante estas oficinas fazem parte da documentação do projeto, que, pretendemos, será disponibilizada por meio de um website, para que outros interessados possam dar continuidade a essa investigação.

Parte dos transmissores FM foram construídos durante outra oficina, destinada as crianças, também realizada no CRAS. Importantes implementações foram feitas no dispositivo que propusemos para a residência após a experiência destas oficinas.

Encerramos o trabalho com uma roda de histórias, na qual estiveram presentes membros da comunidade de São José do Barreiro. Nesta roda, contamos anedotas que aconteceram debaixo das árvores das nossas histórias pessoais, intercalando com momento de escuta dos sinais elétricos enviados por uma amoreira da fazenda, cuja voz foi dada pelo dispositivo Rádioplanta.

Além dos encontros com a comunidade local, Rural.scapes nos propiciou um período de intensas trocas e discussões com os demais artistas participantes, e com uma crítica de arte residente (Ananda Carvalho). Foi bastante enriquecedor ter a figura da crítica presente durante o processo de desenvolvimento, principalmente quanto as discussões sobre os possíveis desdobramentos do trabalho para além da residência.

Gostaríamos de, por meio deste, agradecer aqueles que dedicaram seu tempo, trabalho e recursos para a realização da residência. Em primeiro lugar, um muito obrigado a Rafael Marchetti e Rachel Rosalen pela idealização e realização de um projeto que extrapola uma residência artística e que contribui sensivelmente para a cultura local. Agradecemos a preocupação com a documentação do projeto, cuidadosamente realizada por Manoela Cardoso. Agradecemos também a Dona Cida, quem cuidou das nossas barrigas.

Agradecemos ao Zé Mineiro, que pacientemente nos recebeu como vizinhos nada convencionais durante o período, e que nos ofertou muitas de suas histórias de vida. Agradecemos a Ananda Carvalho, por sua presença fundamental como crítica atuante no processo. E claro, agradecemos a todos os demais artistas com quem convivemos durante os 21 dias de residência, dos quais voltamos transformados.